# A PERSPECTIVA SEMIO-DISCURSIVA DE ANÁLISE DE GÊNEROS: MEMÓRIA, GÊNEROS SITUACIONAIS E ENSINO, A PROPOSTA DE PATRICK CHARAUDEAU

Alex Caldas Simões [*]
Tania Maria Nunes de Lima Camara [**]

**Resumo:** Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) enfatizam que o ensino de língua materna deve ser instrumentalizado a partir dos gêneros do discurso. Essa demanda nos leva a problematizar uma recente proposta de análise de gêneros, a perspectiva semio-discursiva (CHARAUDEAU, 2004). Em nossa exposição, apresentaremos os principais pontos dessa perspectiva e sua produtividade para o ensino de língua portuguesa. Concluímos que o gênero textual é visto como uma manifestação linguística-situacional que advém de uma complexa relação entre as memórias (discursivas, comunicacionais e dos signos) e a situação de comunicação. É dessa complexa relação que nascem os *gêneros situacionais*, que se levados à sala de aula evidenciam para o aluno a relação indissociável entre o texto e a situação de comunicação.
**Palavras-chave:** Gêneros textuais. Semiolinguística. Ensino.

**Abstract:** The National Curriculum Parameters (NCP) emphasize that the teaching of the mother tongue should be exploited from the speech genres. This demand leads us to discuss a recent proposal for genre analysis, the semiotic discourse perspective (CHARAUDEAU, 2004). In our exposition we will present the main points of this perspective and its productivity for teaching Portuguese. We conclude that the genre is seen as a linguistic-situational manifestation resulting from a complex relationship between memories (discursive, communicative and signs) and the communication situation. This complex relationship causes situational genres to be conceived, which whenever introduced in the classroom, can show the students the inseparable relationship between text and the communication situation.
**Keywords:** Textual genres. Semiolinguistic. Education.

## 1 Considerações iniciais

Atualmente a temática gêneros é um assunto bastante recorrente nas pesquisas acadêmicas da área da linguagem. Eles já estiveram: (a) nos estudos da *Retórica Aristotélica*, por meio dos gêneros epídictico, judiciário e deliberativo; (b) na *Literatura*, por meio dos gêneros épico, lírico e dramático; (c) na *Linguística Textual*, em proposições sobre leitura e produção de textos; e (d) na *Linguística Aplicada*, por orientações pedagógicas propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), que orientam o ensino de língua materna para o trato com os gêneros textuais em sala de aula.

Uma das problemáticas teóricas centrais dos gêneros, por muito tempo, se circunscreveu na problematização da dicotomia "gênero textual *versus* gênero discursivo", que há muito tempo já foi superada[1]. Mesmo assim, cabe-nos dizer, conforme propõe Santos (2004), em artigo sobre o tema, que a problemática dos gêneros gira em torno da dicotomia entre "a generalização *versus* a unificação."

[*] Professor universitário e pesquisador das ciências da linguagem no estado do Espírito Santo. Doutorando em Língua Portuguesa, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). *E-mail*: axbr1@yahoo.com.br

[**] Professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutora em Língua Portuguesa, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). *E-mail*: taniamnlc@gmail.com

[1] Assim como Charaudeau (2004) preferiu em suas pesquisas não voltar a pontos comuns de discussão sobre o assunto – que consistia na exposição dos gêneros literários –, acreditamos que voltar ao debate "gênero textual *versus* gênero discursivo" é concorrer para uma discussão infrutífera sobre o assunto, visto que atualmente essa tensão teórica não se faz pertinente para o crescimento e problematização das teorias linguísticas. Por essa razão muitos estudiosos têm considerado, assim como nós, essa questão como um ponto de discussão superado.

> Se por um lado existe uma necessidade positiva, sistêmica, linguística-estrutural de conjugar os gêneros em torno de uma regra de traços e funções, por outro lado, caminha-se na direção das movências de sentido, fundadas nas condições de produção dos discursos e na referencialidade polifônica dos sujeitos ao se inscreverem nos discursos (SANTOS, 2004, p. 330-331).

Charaudeau (1999) também nos informa sobre essa mesma tensão discutida por Santos (2004) ao dizer que os estudos dos gêneros tendem: ora a enfocar a problemática da língua por um ponto de vista cognitivo – quando se procura distinguir os gêneros por meio de categorias formais da língua e traços recorrentes –; e, ora a enfocar a problemática da língua por um ponto de vista comunicativo – quando se procura identificar as correlações entre as recorrências de marcas formais e as suas condições de produção situacional.

Diante de todas essas tensões, podemos dizer que atualmente a grande questão teórica que ronda os estudos dos gêneros textuais se refere a sua construção discursiva, situacional e textual: "[...] parece que a questão fundamental que é colocada é das restrições e da liberdade que o sujeito falante dispõe. Aceitar que existem gêneros é reconhecer que a produção linguageira é submetida a restrições. Mas, em que nível estas restrições intervêm?" (CHARAUDEAU, 2004, p. 19).

Por essa questão podemos perceber que a problemática dos gêneros na linguagem, de acordo com Charaudeau (2004), se inscreve na seguinte indagação: como o sujeito falante pode se comunicar livremente se sua linguagem está submetida a restrições? Este sujeito possui alguma liberdade em relação ao gênero? Se existem os gêneros é porque existem restrições, sendo assim como o sujeito falante lida com sua liberdade e as restrições impostas pelos gêneros?

Acreditamos que essa tensão problematizada por Charaudeau (2004) indica uma real problemática dos gêneros (ainda pouco explorada) que se coloca entre: (a) a sua *construção linguística*, ou seja, aqueles elementos que devem ocorrer no gênero para que este seja reconhecido por uma certa comunidade; e (b) a sua *construção situacional*, ou seja, aqueles elementos que podem ocorrer no gênero e que são eleitos livremente pelo sujeito falante no momento da construção de seu projeto de fala.

Motivados por essas constatações, em nossa exposição, apresentaremos os principais pontos da *perspectiva semio-discursiva de análise de gêneros* e sua produtividade para o ensino de língua portuguesa. Reconhecemos que diante das demais perspectivas de estudos de gêneros, tais como as perspectivas sócio-semiótica, sócio-retórica, e sócio-discuriva[2], nossa abordagem é bastante recente[3] nos estudos da linguagem, o que justifica nossa iniciativa de síntese e reflexão.

Iniciaremos a nossa discussão apresentando e discutindo a perspectiva semio-discursiva de análise de gêneros pautados nas pesquisas de Patrick Charaudeau, (2004; 2008), João Bosco Santos (2004) e Wander Emediato de Souza (2003). Em seguida, apresentaremos nossas considerações sobre a produtividade de tais postulações para o ensino de língua portuguesa. Por fim, apresentaremos as nossas considerações finais sobre o assunto.

[2] Nas pesquisas de Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005) podemos observar melhor o funcionamento das abordagens sócio-semióticas de gêneros, representada por Hasan, Martin, Fowler, Kress e Fairclough; sócio-retóricas, representada por Swales e Miller; e as abordagens sócio-discursivas, representadas por Bakhtin, Adam, Bronckart e Maingueneau.

[3] A proposição Semiolinguística para os gêneros os concebe como gêneros situacionais (cf. CHARAUDEAU, 2004; SANTOS, 2004; SOUZA, 2003). Até o momento, o termo *configuração de gêneros situacionais* ainda não foi difundido, apesar de tais teorizações existirem no Brasil, no mínimo, desde 2004.

## 2 A perspectiva semio-discursiva de análise de gêneros

A noção de gênero textual na perspectiva semio-discursiva pode ser entendida a partir da seguinte afirmação: "Ora como as finalidades das *situações de comunicação* e dos *projetos de fala* são compiláveis, os textos que lhes correspondem apresentam constantes que permitem classificá-los em gêneros textuais" (CHARAUDEAU, 2008, p. 77). Nesse sentido, os gêneros são compilações de situações de comunicação[4] e projetos de fala[5] que apresentam constantes.

Feita a definição gêneros a partir de Charaudeau (2004), cabe-nos esclarecer, como pontua Souza (2003), que os gêneros parecem ser elaborados e estabilizados com base em um conjunto de representações que o sujeito adquire por meio de suas experiências pessoais e formais de ensino. "A aquisição dessas representações parece forjar nos sujeitos uma memória capaz não só de identificar de forma padronizada certas formas textuais, como também de produzi-las em situações comunicativas que as exigem" (SOUZA, 2003, p. 69).

Com esta observação podemos dizer, corroborando com Souza (2003), que Charaudeau (2004) postula a existência de três memórias, que formariam por sua vez três comunidades específicas:

i) **a memória dos discursos**, que construiria as nossas representações de mundo e formaria as *comunidades discursivas* – agrupamentos de pessoas com um mesmo posicionamento, valores, opiniões morais, etc. –;

ii) **a memória das situações de comunicação**, que possibilitaria a normalização e a identificação das trocas comunicacionais e que formaria as *comunidades comunicacionais*;

iii) **a memória das formas dos signos**, que adequariam as diferentes maneiras de dizer aos seus locais de origem e que formaria as *comunidades de saber dizer ou comunidades semiológicas* – aquelas nas quais "os sujeitos se reconheceriam através da 'rotinização' das formas de comportamento e de linguagem" (CHARAUDEAU, 2004, p. 21).

Com isso, tanto Charaudeau (2004) como Souza (2003) nos indicam claramente que "[e]ssas três memórias se articulam em conjunto com base na relação intrínseca existente entre situação de comunicação, sentido e formas" (SOUZA, 2003, p. 70). Cada situação de comunicação, conforme explicita Charaudeau (2004), se ligaria a uma estreita e singular relação entre esses três tipos de memória (discursivas, comunicativas e dos signos). Dessa forma:

> Podemos, então, sustentar a ideia de que o sujeito social se dota de gêneros empíricos, e que, por meio de representações que ele se constrói deles para aprendizagem e pela experiência, ele os erige em normas de conformidade linguageira e os associa aos lugares de prática social, mais ou menos institucionalizados (CHARAUDEAU, 2004, p. 20).

Compreender os gêneros, então, é perceber que o sujeito falante ao se dotar de gêneros empíricos, por meio de uma experiência formal ou informal de ensino, pode utilizá-

[4] Termos da Semiolinguística, consultar Charaudeau (2008).
[5] Termo da Semiolinguística, consultar Charaudeau (2008).

los em uma prática social mais ou menos institucionalizada e, com isso, otimizar a sua comunicação.

Vale lembrar, como indica Souza (2003), que, muitas vezes, por saber dessa conformação entre as atividades linguageiras e as práticas sociais, o sujeito falante pode construir um gênero, ou se defrontar com um, que se apropria da legitimidade de outros domínios para legitimar o seu formato genérico[6].

A partir dessas constatações podemos dizer, apoiados em Santos (2004), que o gênero textual, configurado como uma manifestação discursiva, está situado como um elemento balizador entre duas alternâncias, o universo da concepção e o universo da interpelação:

> No primeiro [universo da concepção], um espaço sócio-histórico de apropriação textual contempla saberes postos que são partilhados. No segundo [universo da interpelação], um espaço de apropriação que entrecruza dispositivos de influência em que possíveis transposições de sentidos ou transcendências de significação são deslocadas nesses saberes, provocando uma alteração da finalidade textual (SANTOS, 2004, p. 336).

Podemos considerar, então, que os três autores aqui citados – Charaudeau (2004), Souza (2003) e Santos (2004) – compreendem o gênero textual como uma manifestação linguística-situacional que advém de uma complexa relação entre as *memórias* ou universo da concepções (discursivas, comunicacionais e dos signos) e a *situação de comunicação* ou universo da interpelação.

A partir dessa contextualização, podemos dizer que a situação de comunicação – que inclui "[...] a *identidade* dos parceiros envolvidos na relação comunicativa[7], a *finalidade* do ato de comunicação[8], os níveis de *tematização*[9] e o *dispositivo*[10] físico e material envolvido (SOUZA, 2003, p. 64) – é um dos primeiros elementos a se considerar na análise de um gênero. Isso porque será este elemento que definirá as características contratuais da encenação linguageira da qual o gênero fará parte. Segundo Santos (2004, p. 337), podemos "perceber que os gêneros textuais estão ligados à natureza do contrato situacional em que o texto se circunscreve na atividade linguageira." Sendo assim, compreendemos, apoiados também nos

---

[6] Como exemplo temos a parasitagem do discurso no domínio publicitário que se caracteriza quando um discurso se apropria de práticas que não pertencem ao seu domínio para criar um efeito linguageiro específico "[...] como as polêmicas campanhas da Benetton, que introduziriam no domínio publicitário uma pertinência estranha a esse domínio, propondo temas sociais, políticos e humanitários em um discurso cujo objetivo fundamental é obter lucros e vendas [...]" (SOUZA, 2003, p. 67)..

[7] A identidade dos parceiros variará de acordo com elementos "sociais (idade, sexo, raça, classe); sócio-profissionais (médico, escritor, publicitário, empregador/empregado, político; psicológicas (inquieto, nervoso, sereno, frio, espontâneo, amável, agressivo, ingênuo...); relacionais (os parceiros entram em contato pela primeira vez ou não – elas se conhecem ou não, têm uma relação de familiaridade ou não) (CHARAUDEAU, 2008, p. 70-71). Podemos dizer ainda, conforme Charauderau (2004), que a identidade dos parceiros determinará no gênero qual será a escolha do modo enunciativo (alocutivo, elocutivo ou delocutivo) predominante.

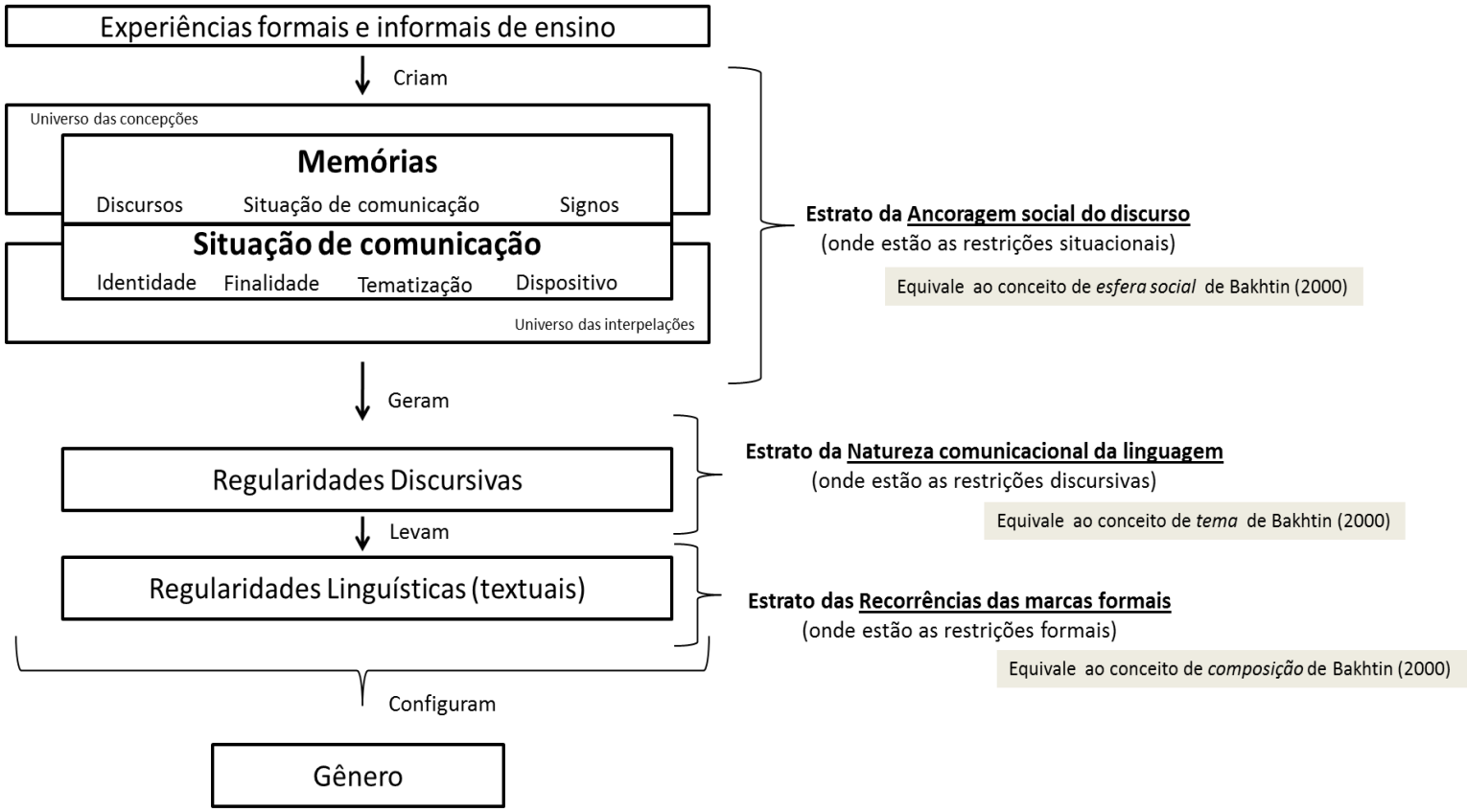
[8] Segundo Charaudeau (2004), a finalidade é um dos elementos da situação de comunicação que ao selecionar uma visada discursiva predominante acaba por selecionar um modo enunciativo específico (descrito, narrativo, argumentativo).

[9] Para Charaudeau (2004), a tematização se relaciona com a maneira pela qual os temas e subtemas são organizados em um gênero.

[10] Para Charaudeau (2004), o dispositivo físico e material de uma situação de comunicação organiza os modos de semiologização que devem aparecer em um gênero, o que acaba por organizar sua mise en scéne material ("[...] é um canal *oral* ou gráfico? É direto ou indireto (telefone, mídias), que outro código semiológico é utilizado (imagens, grafismos, sinais, gestos)?" (cf. Charaudeau, 2008). Equivale ao conceito de suporte Marcuschi (2008).

postulados de Charaudeau (2004), que os dados situacionais geram/induzem regularidades discursivas e estas, por sua vez, nos levam às regularidades linguísticas (textuais) (Fig.1).

Figura 1 – A análise do gênero a partir da teoria Semiolinguística




(Fonte: organização nossa)

Essa complexa relação (Fig. 1) situa os gêneros como construtos situacionais que circulam socialmente em nossa vida diária e que apresentam características discursivas, situacionais e formais particulares. Tais peculiaridades são instituídas por uma finalidade comunicativa específica da situação de comunicação que orienta uma visada discursiva predominante, o que nos levaria a construção de restrições situacionais, discursivas e formais que são socialmente compartilhadas e compreensíveis entre os sujeitos participantes de uma troca comunicativa qualquer.

A leitura de que a finalidade (que gera visadas[11]) é um elemento fundamental no reconhecimento/produção de um gênero (cf. CHARAUDEAU, 2004) evidencia somente que este elemento possui uma relevância maior na análise de um gênero do que outros elementos da situação de comunicação.

[11]Na sociedade instituem-se diversas visadas que estabelecem uma relação contratual *EU-TU* bem específica (cf. CHARAUDEAU, 2004). Segundo o autor (2004), temos, por exemplo, a visada de *prescrição* quando o *EU* está na posição social de mandar-fazer (ex: posição de chefe), enquanto o *TU* está na posição social de dever-fazer (ex: empregado). Ao entendermos as visadas segundo Charaudeau (2004), observamos que cada domínio de prática social, visto como um domínio comunicativo pode selecionar uma ou duas visadas predominantes em sua abordagem linguageira.

Acreditamos que uma visada discursiva, sendo uma intenção pragmática do sujeito falante que sofre influência da posição hierárquica dos sujeitos da troca comunicativa (cf. CHARAUDEAU, 2004), acaba por regular no gênero as suas possibilidades estruturais e de circulação. É por isso, portanto, que Charaudeau (2004), coloca a finalidade (que gera visadas) como elemento fundamental na análise de gêneros. Acreditamos, entretanto, que a tematização, a identidade dos parceiros e o dispositivo também colaboram para a formação de restrições discursivas e formais, ainda que este quadro teórico não esteja claramente delineado nas postulações de gêneros advindas da teoria Semiolinguística.

Feita a exposição dos principais aspectos da perspectiva semio-discursiva de análise de gêneros, passaremos na seção seguinte a problematizar as possibilidades e potencialidades dessa abordagem no ensino de língua materna.

## 3 A perspectiva semio-discursiva de análise de gêneros no ensino de língua materna

Como sabemos, desde a promulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998), o texto, objeto de estudo e ensino de línguas (ROJO; CORDEIRO, 2004), tem sido visto nas práticas escolares através do construto teórico-metodológico gênero textual, em especial a partir das perspectivas teóricas de Bakhtin (2000) e dos franceses Dolz e Schneuwly (ver ROJO; CORDEIRO, 2004). Essa realidade já não é novidade e muitos professores já se acostumaram com tal indicativo pedagógico, ainda que não saibam muito bem como atuar com o gênero em sala de aula, e, por conta disso, o trabalhem muitas vezes de forma intuitiva.

As atuais orientações acadêmicas e legislativas têm incentivado, como já dito, que o estudo de línguas se dê por meio de textos. Isso significa observá-lo além de sua construção textual (textualidade) ou dos conhecidos gêneros escolares (descrição, narração e dissertação). Trabalhar o texto instrumentalizado em um gênero de texto significa observá-lo como uma construção linguística contextualizada que reflete o processo social envolvido na construção do texto (cf. DELL' ISOLA, 2007), onde possamos articular de maneira precisa o texto e a situação de comunicação.

Nesse sentido é que a abordagem semio-discursiva de gêneros se torna produtiva para o ensino de língua portuguesa, pois ela procura articular de maneira indissociável situação de comunicação, sentido e forma – ou, em outros termos, texto e situação de comunicação. Enquanto outras abordagens de ensino partem do texto para se conhecer o seu contexto de produção, a abordagem semio-discursiva privilegia primeiramente o estudo da situação de comunicação em detrimento das marcas formais do texto. É por essa razão que esta abordagem no ensino de língua materna não se preocupa com o estabelecimento de fórmulas ou etapas de construção do gênero, muito comum na perspectiva sócio-semiótica de análise de gêneros. Observar o gênero por meio da perspectiva semio-discusiva é considerar que os gêneros são construções discursivas situadas em uma composição situacional própria, o que implica em dizer que nesta abordagem os gêneros, conforme indica Santos (2004), se distanciam de uma abordagem tipológica classificatória ou sistêmico-categorial.

O levantamento da situação de comunicação nos leva naturalmente a relacionar os sentidos do texto a sua forma, e, portanto, a explicar o que é recorrente no texto e o que é produto de uma restrição situacional, discursiva ou formal. Essa análise, diferente de outras abordagens de estudo do gênero, se realiza de maneira conjunta e não sucessiva dos fatos da língua. Ela se centraliza na situação de comunicação, onde está o sujeito falante, que possui intenções pragmáticas, que se refletem no sentido e nas formas linguísticas escolhidas em seu texto. Ainda assim, apesar de possuir intenções pragmáticas particulares, o sujeito falante não

pode dizer o que quiser do jeito que quiser nas situações que vivencia. Ele precisa articular os dados da situação de comunicação (identidade dos parceiros, finalidade, propósito de comunicação e dispositivo) com a sua memória, a fim de produzir um texto em condições ideais.

Essa é uma das poucas vezes, portanto, que os estudos de gêneros privilegiam a memória, seja ela dos discursos (onde estão as nossas representações de mundo), das situações de comunicação ou dos signos (onde estão as formas de dizer), no ensino de língua materna. Nesse sentido, antes de praticar a linguagem (nas práticas de leitura, escrita e análise linguística) é preciso viver a linguagem para que se formem as memórias de uso da língua. Em outras palavras, viver a linguagem significa agir socialmente com a linguagem e ver o seu real funcionamento na sociedade.

Esta postulação, indicada na perspectiva semio-discursiva de análise de gêneros, nos revela que a forma da língua não é outra coisa senão o produto de interações sociais de sujeitos falantes dotados de intenções psicossociais. Adotar essa perspectiva no ensino de língua materna é enfatizar para o aluno que há gêneros variados, que não possuem uma forma rígida ou definida, pois ela se altera com a modificação da situação de comunicação e do que o sujeito falante guarda em sua memória.

Realizada nossas considerações sobre a produtividade da perspectiva semio-discursiva de análise de gênero no ensino de línguas, passaremos, na próxima seção, as nossas considerações finais sobre o assunto.

## 4 Considerações finais

Como pudemos observar, as práticas de ensino de língua portuguesa se pautam no estudo do texto, materializado em algum gênero textual. São os gêneros, portanto, os instrumentos teóricos e metodológicos ideais para o trato com as práticas de linguagem (fala, escrita e análise linguística) em sala de aula (PCN, 1998). Nesse sentido, há diversas teorias disponíveis para o estudo e a investigação dos gêneros. Em nossa pesquisa, apresentamos os principais pontos da teoria semio-discursiva de análise de gêneros, postulada por Charaudeau (2004; 2008) e problematizada também por Santos (2003) e Souza (2004) – ainda pouco divulgada nos estudos da linguagem.

De forma esquemática, ainda que voltemos a alguns pontos de nossa pesquisa, podemos dizer que para Charaudeau (2004) o estudo dos gêneros deve privilegiar a sua construção discursiva, situacional e textual. Ao que parece a questão fundamental a ser levantada nos estudos de gêneros é a que se refere *a liberdade do sujeito falante* diante das restrições discursivas, situacionais e textuais que lhes são impostas. Afinal: como o sujeito falante pode se comunicar livremente se sua linguagem está submetida a restrições? Este sujeito possui alguma liberdade em relação ao gênero? Se existem os gêneros é porque existem restrições, sendo assim como o sujeito falante lida com sua liberdade e as restrições impostas pelos gêneros? Foram essas questões que nos levaram a problematizar a análise do discurso francesa de Charaudeau em uma *perspectiva semio-discursiva de análise de gêneros*. Assim, o nosso objetivo em nossa exposição foi apresentar os principais pontos dessa postulação e sua produtividade para o ensino de língua portuguesa.

De nossa pesquisa, concluímos que a perspectiva de análise de gêneros semio-discursiva se coloca entre: *a construção linguística do texto*, ou seja, aqueles elementos que devem ocorrer no gênero para que este seja reconhecido por seus usuários e comunidade de prática discursiva; e sua *construção situacional*, ou seja, aqueles elementos que podem

ocorrer no gênero e que são eleitos livremente pelo sujeito falante no momento da construção de seu projeto de fala. A teoria concebe os gêneros como *gêneros situacionais*.

Vimos ainda que os gêneros nessa perspectiva parecem ser elaborados e estabilizados com base em um conjunto de representações que o sujeito adquire por meio de suas experiências pessoais e formais de ensino. Dessa forma, o gênero é visto como uma manifestação linguística-situacional que advém de uma complexa relação entre as *memórias* (discursivas, comunicacionais e dos signos) e a *situação de comunicação*.

Compreendemos, como discutido na pesquisa, que na perspectiva semio-discursiva de análise de gêneros a situação de comunicação é um dos primeiros elementos a se considerar na análise, antes mesmo do que a análise das marcas formais. Isso porque será este elemento que definirá as características contratuais da encenação linguageira da qual o gênero fará parte. Afinal, como afirmamos nessa pesquisa, são os dados situacionais que geram/induzem regularidades discursivas e estas, por sua vez, nos levam às regularidades linguísticas (textuais). É por isso que a abordagem semio-discursiva de análise de gêneros articula de maneira indissociável situação de comunicação, sentido e forma – ou, em outros termos, texto e situação de comunicação.

Em nossa exposição apontamos que a leitura de que a finalidade (que gera visadas) é um elemento fundamental no reconhecimento/produção de um gênero (cf. CHARAUDEAU, 2004). Isso evidencia que este elemento possui uma relevância maior na configuração de um gênero do que outros elementos da situação de comunicação, tais como a identidade dos parceiros, o propósito comunicativo e o dispositivo.

Pudemos observar ainda que uma visada discursiva, sendo uma intenção pragmática do sujeito falante que sofre influência da posição hierárquica dos sujeitos da troca comunicativa (Cf. CHARAUDEAU, 2004), acaba por regular no gênero as suas possibilidades estruturais e de circulação. É por isso, como indicamos, que Charaudeau (2004), coloca a finalidade (que gera visadas) como elemento fundamental na configuração de gêneros. Acreditamos, como pontuado no texto desta pesquisa, que a tematização, a identidade dos parceiros e o dispositivo também colaboram para a formação de restrições discursivas e formais. Mas, como sabemos, esses construtos ainda não foram claramente instrumentalizados nas postulações de gêneros advindas da teoria Semiolinguística, o que nos abre uma nova demanda de pesquisa no campo das ciências da linguagem.

Acreditamos ainda que enquanto não se postule maiores estudos sobre a memória – talvez depreendida dos estudos da recepção – não se poderá compreender com completude o funcionamento do gênero na sociedade e sua articulação com o ensino de língua materna, pois é a memória (esquecida dos estudos de gêneros, mas não da perspectiva semio-discursiva) que também determina, juntamente com a situação de comunicação, a análise ou configuração de um gênero, ou seja, as suas possibilidades de composição e, se for o caso, de mistura – hibridização e/ou intergenericidade – de textos.

## Referências

BAKHTIN, M. Os gêneros discursivos. In: *Estética da Criação Verbal.* São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 279-326.

CHARAUDEAU, P. Análise do discurso: controvérsias e perspectivas. In: MARI, Hugo; et al (org.). *Fundamentos e dimensões da análise do discurso.* Belo Horizonte: Carol Borges – Núcleo de Análise do Discurso. Fale-UFMG. 1999. p. 27-43.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso* – modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: In: MACHADO, I.L.; MELLO, R. (Org.). *Gêneros:* Reflexões em Análise do Discurso. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p.13-41.

DELL'ISOLA, R. L. P. Retextualização de gêneros escritos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão.* São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEURER, J. L; BONINI, A; MOTTAROTH, D. *Gêneros:* teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola, 2005.

PCN – *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Ministério da Educação - MEC, 1998.

ROJO, R; CORDEIRO, G. S. Gêneros orais e escritos como objeto de ensino: modos de pensar, modos de fazer. In: ROJO, R; CORDEIRO, G. S. (Orgs). *Gêneros orais e escritos na escola.* Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 07-18.

SANTOS, J. B. C. O gênero textual como manifestação discursiva. In: MACHADO, I. L.; MELLO, R. (Orgs.). *Gêneros:* Categorias de Análise do Discurso. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 327-338.

SOUZA, W. E. de. Os gêneros discursivos como tipos situacionais. In: MARI, H.; et al. *Análise do discurso em perspectiva.* Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003. p. 63-72.

Recebido em: julho de 2014.
Aprovado em: dezembro 2014.